

Programa *Óbvio Ululante*: Futebol e Divulgação Científica no Rádio

Luiza Aguiar dos Anjos¹
Thiago José Silva Santana²

FUTEBOL NO RÁDIO

O futebol como conteúdo radiofônico tem pouca repercussão no meio acadêmico. Anjos (2011) atenta para o baixo número de trabalhos que tematizam o futebol no rádio. Todavia, alguns trabalhos apresentam informações como se deram as primeiras transmissões esportivas.

O início da década de 1930, período em o futebol já contava com certa popularidade e que as discussões sobre a profissionalização da modalidade se tornaram mais contundentes, marca também o início das transmissões de partidas pelo rádio. Contudo essa fase inicial enfrentou alguns obstáculos. O processo de profissionalização do futebol carregou consigo a necessidade dos clubes aumentarem sua arrecadação para se manterem. A principal forma dos clubes arrecadarem provinha das bilheterias das partidas. As transmissões das partidas pelo rádio passam a ser vistas como uma ameaça à arrecadação dos clubes pelos dirigentes de futebol. Segundo Dias e Lima (2011) as transmissões ao vivo das partidas de futebol chegaram a ser proibidas pelos dirigentes esportivos, devido ao temor em afastar o público dos estádios. Porém tal ameaça não se confirmou na época e o rádio passou a figurar como outro ator importante em sua difusão.

Devido à popularização do rádio as transmissões esportivas tiveram um importante papel para a consolidação do futebol em um esporte popular. Há algumas versões sobre quando exatamente elas teriam iniciado. Segundo Tota (*apud* Soares, 1994) as transmissões relacionadas ao futebol durante a década de 1920 se resumiam a informações sobre os resultados das partidas. Mas atribui-se a Rádio Educadora Paulista a primeira transmissão de uma partida de futebol, feita por Nicolau Tuma em 1931 (SOARES, 1994). O estilo de narração criado por Tuma se caracterizava por impor um ritmo acelerado descrevendo

¹ Mestre em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em Educação Física, modalidades licenciatura e bacharelado, e Especialização em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas.

² Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da rede estadual de educação de Minas Gerais. Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas.

todos os lances da partida, o que mais se aproximaria das formas atuais de narrar o futebol. Essa característica teria lhe rendido o apelido de *speaker metralhadora* (SOARES, 1994).

Não há na literatura acadêmica dados sobre quando teria surgido o primeiro programa esportivo no rádio. Especula-se que o primeiro teria sido transmitido pela Rádio Bandeirantes em 1939³ e o primeiro comentarista esportivo teria sido o jornalista Ary Silva⁴. É também da década de 1930 a primeira vinheta no rádio realizada pelo o compositor Ary Barroso que tocava sua gaita quando saía um gol. Barroso tinha um estilo próprio de narração radiofônica, marcado pelo fato de não esconder sua preferência clubística nas transmissões das partidas de futebol⁵.

Com o advento e a posterior popularização da televisão, o rádio deixou de ser líder entre os meios de comunicação, mas sua inserção na sociedade ainda o caracteriza como meio de comunicação de massa. Segundo a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), o rádio está presente em 88,1% dos domicílios, perdendo apenas para a televisão, que tem 97%⁶. Esse número expressivo impressiona, e ao pensar sobre as novas tecnologias como celulares com rádio, seu alcance pode ser ainda maior. Tais dados reforçam o potencial do rádio em levar informações e no caso desse trabalho, promover a reflexão sobre o futebol. O objetivo desse texto é, assim, analisar o programa *Óbvio Ululante* enquanto um meio de divulgação científica acerca dos conhecimentos do futebol, focando na área de ciências humanas.

ÓBVIO ULULANTE

O programa de rádio *Óbvio Ululante* é um projeto de extensão do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) que surgiu no segundo semestre de 2009. Interessada em um programa que tratasse do futebol de uma forma diferenciada a Rádio UFMG Educativa convidou o GEFuT para produzi-lo. O nome do programa é uma homenagem a Nelson

³Disponível em: <http://jo2grupo3.blogspot.com.br/2010/05/feliz-aniversario-radio-bandeirantes.html> acesso em 1 de janeiro de 2014.

⁴Disponível em: http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4362.html acesso em 2 de janeiro de 2014.

⁵ Disponível em: <http://jornalggn.com.br/video/ary-barroso-o-mais-brasileiro-dos-brasileiros> acesso em 8 de abril de 2014.

⁶Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-02-13/radio-esta-presente-em-88-das-residencias-e-numero-de-emissoras-dobra-em-10-anos> acesso em 26 de dezembro de 2013.

Rodrigues, uma expressão cunhada por ele, que entendia o futebol como um fenômeno complexo, ao contrário dos “idiotas da objetividade”. Com isso a proposta do programa é pensar o futebol não em busca de respostas, mas provocar questionamentos e reflexões, pois como diz o *slogan* “Porque no futebol nada é tão obvio assim” (Melo et al. 2012). Sua primeira edição foi ao ar em maio de 2010 e é produzido voluntariamente pelos membros GEFuT em parceria com a rádio que oferece a estrutura física e o suporte técnico.

A Rádio UFMG Educativa tem como pilares: a oportunidade de formação complementar aos alunos, professores e servidores da UFMG; programação alternativa e diversificada e a divulgação da produção acadêmica, científica e dos serviços (Melo et al. 2012). Enquanto rádio universitária é também um espaço de formação, em especial para os estudantes de comunicação, que participam produção dos programas, entre eles o *Óbvio Ululante*.

O tripé que norteia as ações da rádio está em consonância com as reflexões de Deus (2003) sobre as características e os papéis de uma rádio universitária. A autora ressalta a necessidade do reconhecimento da pluralidade cultural através de espaços destinados para diferentes públicos e sua importância como instrumento da universidade, como espaço novo de comunicação para a sociedade. Relata também que o *Código Brasileiro de Telecomunicações* não determina o papel de uma rádio universitária. Contudo não seria seu papel reproduzir o que fazem as rádios comerciais já que isso não contribuiu para a formação de um profissional do jornalismo diferenciado e a transformação universitária e social. (DEUS, 2003). Assim, o programa busca diferenciar-se do tratamento dado ao futebol em mídias comerciais. Além de democratizar a informação e divulgar o que vem sendo produzido sobre o futebol nas áreas das ciências humanas, buscamos apresentar uma discussão em que a diversidade de opiniões seja manifestada. Dessa maneira buscase problematizar e provocar reflexões sobre o futebol, pois não acreditamos que no futebol exista uma verdade única (MELLO et al. 2012).

Procura-se assim diferenciar da forma como o futebol é tratado pela mídia comercial, que Betti (2001) descreve como *falação esportiva*. O autor afirma que o discurso se restringe a aspectos pontuais como informar e atualizar sobre gols, contratações, vida dos atletas; a contar histórias; a fazer previsões; a explicar e justificar as vitórias e derrotas; a prometer emoções, gols; a criar polêmicas e construir rivalidades; a criticar, a eleger ídolos e

dramatizar. Apesar de criticar a quase exclusividade desse enfoque, Betti (2001) reconhece que devido às limitações de cada mídia, e as funções que cada uma desta desempenha, não é possível abordar o esporte em todas as suas dimensões.

Complementando seus questionamentos, o autor defende que a mídia esportiva valoriza a forma em detrimento do conteúdo, o que torna a cobertura do esporte superficial e factual. Ressalta também a prevalência de interesses econômicos, o que provoca a perpetuação de modelos tradicionais homogêneos e conservadores. É também com a intenção de evitar essa forma veiculação do esporte que o programa foi pensado.

O *Óbvio Ululante* tem duração em torno de 50 minutos e vai ao ar semanalmente. Ao longo dos anos o programa mudou a forma e o dia da semana em que era transmitido. Inicialmente o programa gravado passou a ser ao vivo no ano de 2011. Em 2014, o programa vem sendo transmitido nas quartas-feiras a partir das 18 horas e 10 minutos. Atualmente o programa é dividido em três blocos com intervalos onde ocorrem anúncios institucionais. Porém a forma como é produzido não se alterou ao longo dos anos. Cada programa é realizado de maneira colaborativa e conta com alguns quadros, geralmente feitos ao vivo, e matérias gravadas. A produção dos quadros é dividida entre os pesquisadores do GEFuT e os estudantes de comunicação, na qual procura-se mostrar o futebol como um fenômeno cultural. Através de uma lista de e-mails, os quadros são debatidos e compartilhados. Alguns desses estão presentes desde o princípio do programa, outros foram acrescentados, ainda mantendo a seguinte classificação em três grupos, como mostrado por Melo et al.(2012, p.58):

Um primeiro, de caráter mais emocional, que inclui histórias pessoais contadas por quem as viveu e também conteúdos artísticos sobre futebol, como crônicas e poesias, ou sugestões de filmes e exposições. Um segundo é voltado à história e tradição, relatando lembranças marcantes e descrevendo momentos, personalidades, equipes e espaços célebres do universo futebolístico. Já o terceiro tem caráter mais argumentativo e factual, incluindo entrevistas, debates e discussões sobre assuntos que estão em voga.

O programa já contou com alguns e algumas âncoras, sempre um estudante de comunicação. A montagem da pauta é feita pelo âncora após o envio dos quadros. A ideia geradora do programa é tratar a informação sobre o futebol de maneira diferenciada, que foi a proposta da rádio desde sua concepção. A esse respeito o coordenador da rádio Elias Santos em entrevista para o artigo de Anjos e Souza (2011, p.8-9) diz:

A gente tem uma independência e a gente pode trabalhar com ela e ser crítico, que o que se espera de uma Universidade. Uma Rádio Universitária também tem que apresentar uma cobertura que seja crítica. E às vezes essa crítica pode vir pelo humor, não precisa ser uma coisa sisuda. (...) Se a gente não tem a técnica que os caras têm, porque eles trabalham com isso há muitos anos, a gente tem uma outra coisa que é a possibilidade dessa visão mais crítica.

Essa visão mais crítica do programa está, primordialmente, a cargo dos pesquisadores do GEFuT. Para tal apresentam uma compreensão do futebol enquanto fenômeno cultural que se relaciona com as diversas dimensões da sociedade, seja política, social, econômica, educativa, etc. Na produção dos quadros ou nos comentários dos mesmos buscam relacionar de maneira objetiva o tema tratado com a produção acadêmica, sem, contudo, tornar a discussão entediante. Essas relações partem da compreensão do programa como uma forma de divulgação científica, na qual, como dito por Melo et al. (2002), devemos transformar o dado científico em notícia. Esse cuidado esteve presente durante a produção dos quadros, que foram orientados e corrigidos pela âncora do programa a fim de tornar o conteúdo acessível ao ouvinte.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Entendemos a divulgação científica como "a veiculação em termos simples da ciência como processo, dos princípios nela estabelecidos, das metodologias que emprega" (REIS, 1982 *apud* MASSARANI et al. 2002. p.76). Ela se difere, assim, da comunicação científica, essa voltada para um público seletivo de especialistas, ou do seu conceito mais amplo que é a difusão científica, direcionada para especialistas ou o público em geral, entendida como qualquer processo para difusão da ciência (ALBAGLI, 1996. P. 397).

A adaptação da informação é uma ação fundamental nesse processo pois a audiência rádio pode ter um público variado, inclusive um leigo no tema, seja ele uma pessoa alheia ao ambiente acadêmico ou uma pessoa ligada a esse, porém de outra área do conhecimento.

Silva (2006) afirma que a atividade de divulgação científica teria surgido junto com a própria ciência moderna. Segundo o autor, o século XVIII é o período em que nasce a ciência moderna para ao longo do tempo se institucionalizar paulatinamente. Nesse contexto histórico praticamente não havia distinção entre pesquisa científica e popularização, ou entre pesquisa, formação de profissionais e entretenimento. À medida

que o público “especializado” formava-se, a atividade científica também se profissionalizava (SILVA, 2006. p. 3).

Bueno (2009) mostra que no Brasil a atividade de difusão da ciência data do século XVIII. Ao analisar o jornalismo científico mostra que o pioneiro foi Hipólito da Costa, fundador do Correio Braziliense. A partir do seu contato com cientistas, muito deles amigos, produzia relatos e notícias cujo foco era a botânica, a agricultura e sobre as doenças da época (BUENO, 2009. P.115). Ainda para o autor a história da divulgação científica no Brasil pode ser dividida em dois grandes momentos: o primeiro que data do início da imprensa no país até o final da década de 1960, e o segundo a partir da década de 1970 até a atualidade. Esta divisão estaria legitimada por dois marcos: a multiplicação dos cursos de jornalismo, com destaque aos vinculados a universidades públicas; e o surgimento e consolidação das publicações, cadernos, editoriais e programas especializados em ciência e tecnologia (BUENO, 2009. p.117-118).

A divulgação científica no rádio coincide com a mesma época das primeiras transmissões sobre o futebol no rádio. Segundo Massarani (1998) na década de 1920 foi criada a primeira emissora de rádio do Brasil, a Rádio Sociedade a partir de um movimento de cientistas e intelectuais do Rio de Janeiro. Naquela época vivia-se uma retomada das atividades de divulgação científica. Nessa década também foram fundadas importantes associações que ajudaram a desenvolver a atividade científica no país, como a Sociedade Brasileira de Ciências que mais tarde se tornaria Academia Brasileira de Ciências. Acreditava-se que a divulgação da ciência através do rádio promoveria o desenvolvimento da pesquisa científica e a construção da identidade de um novo intelectual no país, denominado de cientista puro. Também acreditava-se que as tecnologias da época eram a forma mais fácil de levar o conhecimento aos lugares remotos do país. Ainda para a autora “essas iniciativas se coadjuvavam também com um espírito renovador, que refletia um aspecto cultural mais amplo e uma ânsia grande quanto à definição de brasilidade, existente também nas artes, como exemplificado na realização da Semana de Arte Moderna” (MASSARANI, 1998. P.53-54).

A importância que a divulgação científica conseguiu ao longo do tempo, no Brasil e no mundo pode ser observada a partir dos órgãos importantes de fomento a pesquisa. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) reconhece a importância da divulgação científica que para tanto instituiu um prêmio para tais

iniciativas⁷. O CNPq a define como uma atividade complexa na qual são apresentados para a população os conhecimentos científicos e tecnológicos para que esta possa utilizá-los nos seus diversos contextos como as atividades cotidianas ou as tomadas de decisões que envolvem a família, a comunidade ou a sociedade com um todo⁸. Essa argumentação vai ao encontro do exposto por Albagli (1996) ao refletir sobre as motivações da divulgação científica, entre as quais está o esclarecimento da sociedade a respeito dos impactos sociais da ciência e tecnologia (ALBAGLI, 1996. P. 398).

O esclarecimento desses impactos mencionados acima são fundamentais, uma vez que o domínio do conhecimento foi ao longo do tempo uma forma de poder. Sobre isso temos a consideração feita por Silva (2006) sobre as relações entre o conhecimento, poder, circulação e o acesso à informação. Para o autor o fato de hoje as bibliotecas não ficarem entre as muralhas de mosteiros, como em outras épocas, não significa que o conhecimento não deixou de ser controlado. Controle esse que se relaciona com a forma como o conhecimento é produzido, formulado e como circula (SILVA, 2006. p.59). Assim, se por um lado a divulgação científica pode ser utilizada como instrumento para reiterar formas de controle do conhecimento, ela é também uma possibilidade de transformar as relações entre conhecimento e poder.

Reforçando a necessidade de esforços que coloquem esse potencial em prática, Werneck (2002) afirma que a população brasileira é escassamente informada sobre as atividades dos pesquisadores e instituições. Essa lacuna é um fator negativo no suporte social às universidades e intuições científicas. O autor lembra também que a sociedade, enquanto mantenedora desse sistema tem o direito de saber sobre os resultados dos seus investimentos.

A divulgação científica apresenta ampla possibilidade de atividades, com isso vários aspectos podem ser enfatizados, sejam eles educacionais, culturais, políticos e ideológicos. Com isso o público alvo também pode variar que podem ser sejam

7 O Prêmio José Reis de Divulgação Científica e Tecnológica é destinado às iniciativas que contribuam significativamente para tornar a Ciência, a Tecnologia e a Inovação conhecidas do grande público. A sua criação, em 1978, representa uma homenagem ao médico, pesquisador, jornalista e educador, José Reis. Disponível em <http://www.premiojosereis.cnpq.br/> acesso em 8 de janeiro de 2014.

⁸Disponível em <http://www.cnpq.br/web/guest/divulgacao-cientifica-sobre> acesso em 8 de janeiro de 2014.

estudantes, populações letradas e iletradas, agentes formuladores de políticas públicas e até os próprios cientistas e tecnólogos (ALBAGLI, 1996. P.397).

Ante o exposto, a divulgação científica pode desempenhar alguns papéis: educacional, cívico e motivacional. O primeiro com a função de esclarecer os fenômenos estudados pela ciência ou de caráter cultural, visando estimular a curiosidade científica. O segundo voltado para ampliação da consciência do cidadão sobre questões importantes, sejam elas sociais, ambientais, econômicas ou da própria ciência. E a terceira voltada a instrumentalizar e qualificar a participação popular na formulação de políticas públicas (ALBAGLI, 1996).

Entendemos que o *Óbvio Ululante* cumpriu esses papéis, pois durante o período em que foi ao ar, de 2010 a 2013: os pesquisadores e ex-pesquisadores do GEFuT falaram sobre suas pesquisas em andamento ou concluídas, foram entrevistados pesquisadores, como Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Pablo Alabarces e Marcelino Rodrigues, entre outros, houve a divulgação do do I Simpósio Internacional Futebol Linguagem, Artes, Cultura & Lazer organizado pelo GEFuT em parceria com o grupo FULIA⁹. Também foram levantadas problematizações acerca de questões sociais importantes relacionadas com o futebol, a exemplo das manifestações ocorridas durante a Copa das Confederações, ou os gastos com a Copa do Mundo da FIFA de 2014. Ao abordar essas questões de maneira crítica no rádio convidamos o ouvinte a uma reflexão, o que pode levá-lo a pensar sobre as políticas públicas relacionadas ao esporte no país.

Com toda a importância atribuída à divulgação científica, inclusive por órgãos renomados de incentivo à ciência, ainda enfrenta alguns obstáculos. Um deles seria a relação entre o cientista e o jornalista. Bueno (1998) afirma que este relacionamento se torna conflituoso, pois para transmitir a informação ao público leigo o cientista teme que suas declarações sejam mal traduzidas, o que pode estar embasado em experiências de má divulgação. Contudo a divulgação científica não precisa estar a cargo unicamente dos jornalistas. Para Silva (2006) o cientista pode sair do seu lugar “próprio” e realizar interlocuções com outros leitores não cientistas. A expressão “divulgação científica” cumpre o papel de

⁹ O FULIA, Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes, é outro grupo da UFMG que tem o futebol como foco de estudos sobre a perspectiva da área das letras. Mais informações em: <http://www.lettras.ufmg.br/cenex/projetos/fulia/> acesso em 2 de janeiro de 2014.

diferenciar esse lugar (SILVA, 2006. P.58). Observamos que muitos grupos de estudos e de pesquisas mantêm sites informando sobre as atividades dos mesmos e eventos. A internet certamente é um importante espaço para promover a divulgação científica, mas para que esta seja atingida é preciso uma linguagem acessível ao público. Através do *Óbvio Ululante* o GEFuT busca cumprir esse papel, através do rádio, que tem um ampla inserção social, leva ao público em geral o que vem sendo produzido sobre o futebol.

Em se tratando de futebol a divulgação da produção científica, neste caso as referenciadas nas ciências humanas, torna-se importante pelo interesse que o esporte provoca. Portanto divulgar a produção científica das ciências humanas no futebol é, além de informar o ouvinte, levá-lo a refletir sobre as implicações que o esporte pode exercer na sociedade.

CONSIDERAÇÕES

O futebol é um fenômeno que gera grande interesse na sociedade brasileira, desperta paixões e tornou-se uma maneira do povo brasileiro se expressar. Concomitantemente o rádio ajudou na consolidação do mesmo como esporte popular e ainda hoje reforça essa popularidade devido a sua marcante presença como meio de comunicação. Além de seu potencial educativo e para a divulgação científica.

Devido a esse grande potencial em levar informações apresentamos o projeto de extensão do GEFuT, o programa de rádio *Óbvio Ululante*, como uma forma diferenciada de abordar o futebol e realizar divulgação científica. Ao abordar o futebol sob uma perspectiva crítica e levar ao público em geral como o meio acadêmico analisa o futebol, através dos pesquisadores e ex-pesquisadores do GEFuT que apresentaram suas pesquisas em andamento ou concluídas. Acreditamos que assim coadunamos com a ideia de Silva (2006) sobre a importância de o cientista sair do seu lugar “próprio” e realizar interlocuções com outros leitores não cientistas.

É importante divulgar o que vem sendo produzido sobre o mesmo, em particular na área das ciências humanas como forma de ampliar a perspectiva do ouvinte sobre o futebol. Sobretudo pelo fato do programa ser transmitido por uma rádio universitária que tem como um de seus pilares a divulgação da produção acadêmica. Busca-se assim ir além da forma como o esporte é vinculado nas mídias comerciais, que segundo Betti (2001)

realizam uma cobertura do superficial e factual. Sobretudo com a aproximação dos megaeventos como a Copa do Mundo.

Realizar esse debate no rádio é uma possibilidade de interferir sobre as relações entre o conhecimento, poder, circulação e o acesso à informação (SILVA, 2006). E também, como afirma Albagli (1996) instrumentalizar e qualificar a participação popular na formulação de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza A. dos. Reflexões sobre o futebol nas ondas do rádio. *Revista Rádio Leituras*, Ano II, n. I, jan./jul. 2011.

ANJOS, Luiza A.; SOUZA, Tiago C.. O FUTEBOL NAS ONDAS DO RÁDIO: A EXPERIÊNCIA DA RÁDIO UFMG EDUCATIVA. I Seminário Futebol nas Gerais, 2011.

BETTI, M.. Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Revista Motrivivência*. Ano XII, n. 17, set. 2001.

BUENO, Wilson da C. Jornalismo Científico: resgate de uma trajetória *Revista Comunicação & Sociedade* N° 30 – UMESP, 1998. Disponível em: http://editora.metodista.br/COM30/cap_10.pdf acesso em 19 de dezembro de 2013.

BUENO, Wilson da C.. *Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória*. In PORTO, Cristiane de M. (org.). *Difusão e cultura científica: alguns recortes*. [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 230 p.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro, *Revista USP*, n. 22, p.10-17, 1994.

DIAS, Emerson S. e LIMA, Carlos G. C.. Da emoção à descrição - a História da narração esportiva no rádio. *VIII Encontro Nacional de História da Mídia*. Anais. 2011.

MASSARANI, Luisa. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20*. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO. 1998.

MELO, Marcos de A.; ANJOS, Luiza A. dos; LAGES, Carlos E. D. M.; BRAGA, Luiz G.G.; ABRANTES, Felipe V. de P.. A escola e o rádio como possibilidades de construção de conhecimentos e de diálogo com a sociedade tendo o futebol como eixo Os projetos de extensão do GEFuT IN: *O futebol nas Gerais*. SILVA, Silvio R. da; DEBORTOLI, José A. de O.; SILVA ,Tiago F. da. organizadores. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2011.

REIS, José. Ponto de vista: José Reis. In MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de C.; BRITO, Fátima. organizadores. *Ciência e Público caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

WERNECK, Erika F.. E por falar em ciência... no rádio! In MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de C.; BRITO, Fátima. organizadores. *Ciência e Público caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

SILVA, Henrique C. da. O que é Divulgação Científica? *Ciência & Ensino*, vol. 1, n. 1, dezembro de 2006.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar*. São Paulo: Summus, 1994.